

NUDEZ DE BARRO E SOPRO DE ETERNIDADE

Maria Flávia Figueiredo

Independente do curso de sua atuação pública, como líder religioso e como estadista, [João Paulo II] logo revelaria o bastante: ele saberia encontrar o homem na sua nudez de barro e no seu sopro de eternidade.

(CONY, 2005, p. 7)

E o Espírito age nas nossas potencialidades e não nos nossos limites.

Nos últimos tempos, detive meu olhar sobre os meus limites e, assim, pude perceber a minha estrutura, consegui enxergar o que eu era e o que não era. Entendi que meu limite era o que me constituía. Passei longos meses assim, com os olhos fixos naquilo que me constituía como pessoa, o meu limite. Nesse período passei a criticar severamente os livros de auto-ajuda, já que, no meu entender, eles apregoavam a idéia de um homem sem limites, um homem que tudo pode. A concepção de homem defendida nesse tipo de publicação chocava-se com as minhas idéias de imagem real do ser humano.

Nesse período, passei a ter uma noção cada dia mais refinada daquilo que me limitava e que, por sua vez, me constituía na minha unicidade. Nesse sentido, ser Flávia, significava ser não-Paula, não-Maria, não-João. Ser Flávia significava saber inglês, espanhol, um pouco de francês e alemão, mas, sobretudo, não saber todas as línguas do mundo, não saber russo, polonês, japonês e ter limitações até mesmo no português, minha língua materna. Nessa dimensão, o *ser* define-se pelo *não-ser*. Porém, o que, até então, eu não conseguia vislumbrar é que há pelo menos duas dimensões a se considerar:

- uma em que você enxerga o que você não é, e
- outra que lhe mostra até onde você pode ir.

É interessante notar que ao viver com os olhos fixos na primeira dimensão, naturalmente, eu fui aos poucos deixando de sonhar. Mas, durante todo o período não tinha clareza alguma sobre essa ausência.

Hoje vejo que precisei passar todo esse tempo tentando me entender e me definir a partir dos meus limites. Precisei me tornar ciente das realidades exteriores e interiores que compõem o meu ser. O fato de encarar essas realidades e desnudá-las conduziu-me a um

vazio. Foi quando deixei de sonhar e pude experimentar, como nunca, minha carência, minha finitude, minha necessidade de Deus. E foi exatamente aí que pude perceber que o Espírito Santo habita *no que sou*. Essa finitude passou a não mais significar uma limitação. Tornou-se a demarcação de um espaço. Um espaço necessário e suficiente para a habitação e ação de Deus em minha vida.

Hoje, vejo-me diante de uma nova situação. Talvez, totalmente diversa da primeira. Entendi que o Espírito Santo, como sopro e vento que é, necessita de espaço e não de fronteira. Como vento só pode percorrer a amplitude e não a limitação. Para agir em nós é preciso que lhe apresentemos nossas potencialidades, nossos anseios, nossos desejos e não nossos limites, nossas incapacidades, nossas frustrações. E isso não é uma visão alienada. Como nos lembra Anselm Grün (2004, p.15), “A grande alienação do ser humano é o esquecimento de sua realidade interior” e apresentar “a Deus tudo o que temos e somos liberta o seu humano da sua alienação”.

Nessa nova dimensão, as realidades interiores e exteriores que nos definem passam a ser transpostas e transformadas pela ação de Deus em nós. E o Espírito Santo encontra as portas abertas para agir nas nossas *potencialidades* e não mais nos nossos *limites*.

BIBLIOGRAFIA

CONY, Carlos Heitor. O homem e o papa. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 3 abr. 2005. Caderno ESPECIAL, p. 7.

GRÜN, Anselm. **A oração como encontro**. Tradução de Renato Kirchner e Jairo Ferrandin. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

PETER, Ricardo. **Livra-nos da perfeição**: como superá-la em grupo com a terapia da imperfeição. Tradução de Píer Luigi Cabra. São Paulo: Paulus, 1999. (Psicologia Prática)